

---

# ENUNCIÇÃO

## REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFRRJ

---

### Consideração existencial da morte: a relação entre finitude e liberdade no pensamento de Heidegger – ou: Da liberdade de ser para a morte

Fernando Mendes Pessoa\*

Eu vos mostro a morte que aperfeiçoa, que se torna, para o vivo, um agulhão e uma promessa. Da sua morte, morre o homem realizador de si mesmo.

F. Nietzsche

**Resumo:** Visando à compreensão da completude de nosso modo de ser, Heidegger indica, no primeiro capítulo da segunda parte de *Ser e tempo*, a necessidade de demonstrar “um conceito ontológico suficiente, ou seja, *existencial* da morte”. A fim de apresentar o seu conceito ontológico-existencial, esse pensador propõe uma compreensão da morte distinta de sua interpretação bio-fisiológica: ao contrário do findar do que é vivo, o conceito existencial da morte indica a compreensão que temos de nossa morte antes mesmo de morrermos: “Morrer significa: saber a morte, como morte. Somente o homem morre. O animal finda”. Por vivermos com a compreensão de que vamos morrer, Heidegger caracteriza esta modalidade de nossa existência como *ser-para-a-morte*. Existir é viver na compreensão da iminência da morte. Distinto do findar do que é vivo, em sua consideração existencial, a morte indica o nosso débito fundamental, o fato de não estarmos prontos e acabados, de irmos a ser o que somos, jogados na abertura da possibilidade de ser. Considerada existencialmente, a morte constitui o fundamento de nossa finitude, o estar lançado na liberdade de vir a ser o nosso próprio poder ser. O propósito desta consideração existencial da morte consiste em mostrar, a partir de um esclarecimento de como somos para a morte, a relação entre finitude e liberdade no pensamento de Heidegger.

**Palavras-chave:** existência; morte; nada; finitude; liberdade

**Abstract:** In order to understand the completeness of our way of being, Heidegger points out in the first chapter of the second part of *Being and Time* the need to demonstrate "an ontological concept sufficient, that is, *existential* of death." To present his ontological-existential concept, this thinker proposes an understanding of death distinct from its biophysiological interpretation: in contrast to the ending of what is alive, the existential concept of death indicates our

---

\* Professor Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo.

understanding of death before even we die: "To die means: to know death, as death. Only the man dies. The animal ends. " By living with the understanding that we are going to die, Heidegger characterizes this mode of our existence as *being-to-death*. To exist is to live in the understanding of the imminence of death. Distinguished from the end of what is alive, in its existential consideration, death indicates our fundamental debt, the fact that we are not ready and finished, to become what we are, thrown into the opening of the possibility of being. Considered existentially, death constitutes the foundation of our finitude, the launching in the freedom to become our own being. The purpose of this existential consideration of death is to show, from a clarification of how we are to death, the relation between finitude and freedom in Heidegger's thought.

**Keywords:** existence; death; nothing; finitude; freedom

Em sua conferência intitulada *A coisa*, Heidegger diz que:

Os mortais são os homens. São assim chamados porque podem morrer. Morrer significa: saber a morte, como morte. Somente o homem morre. O animal finda. Pois não tem a morte nem diante de si, nem atrás de si. A morte é o escrínio do nada, do que nunca, em nível algum, é algo que simplesmente é e está sendo. Ao contrário, o nada está vigindo e em vigor, como o próprio ser. Escrínio do nada, a morte é o resguardo do ser. Chamamos aqui de mortais os mortais – não por chegarem ao fim e finarem sua vida na terra, mas porque eles sabem a morte, como morte. Os homens são mortais antes de findar a vida. Os mortais são mortais por serem e vigorarem no resguardo do ser. São a referência vigente ao ser, como ser.<sup>1</sup>

A fim de encaminhar uma consideração existencial da morte, com o propósito de compreender a relação entre finitude e liberdade no pensamento de Heidegger, vamos fazer uma interpretação dessa sua afirmação, buscando mostrar, a partir de uma distinção entre essa e uma interpretação biológica da morte, como esse pensador compreende a liberdade de ser para a morte.

Em uma perspectiva biológica, vida e morte são consideradas apenas em seus aspectos bio-fisiológicos, e não existenciais. Nesse horizonte de interpretação, a vida é o funcionamento e a morte, o cessar das funções vitais do organismo. Assim, concebendo o homem apenas como um organismo biológico, a vida e a morte humana reduzem-se ao funcionamento dos corpos animados da natureza; nesta perspectiva de questionamento, a vida humana é interpretada como *algo* universal aos seres vivos, intrínseco e comum aos organismos naturais, que pode ser determinado e classificado analítica e estatisticamente em suas funções alimentares, digestivas, reprodutivas, etc. –

---

<sup>1</sup> Heidegger, *Ensaio e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 156.

e cujo fim é a morte, concebida como o cessar desses funcionamentos orgânicos. Para essa consideração bio-fisiológica, a morte é o fim da vida, que igualmente pode ser reconhecida ou diagnosticada por meio de análise de dados e estatísticas. Heidegger caracteriza tal compreensão biológica da morte com a palavra “finar” (*Verenden*), na diferença do termo “morrer” (*Sterben*), usado para nomear o fenômeno existencial da morte – por isso, no texto citado, ele diz que: “Somente o homem morre. O animal finda”. Para encaminharmos esta consideração existencial da morte precisamos então demonstrar essa diferença entre findar e morrer, compreender como a morte constitui o que é mais próprio e específico do homem e pensar como ela perfaz a nossa essência.

Em sua *Carta sobre o humanismo*, Heidegger diz que:

O corpo do homem é algo essencialmente diferente de um organismo animal. Não se supera o erro do biologismo ajuntando-se ao corpo do homem a alma, o espírito. (...) Assim como a essência do homem não consiste em ele ter um organismo animal, assim também não se pode eliminar ou compensar essa determinação insuficiente da essência do homem dotando-o de uma alma imortal, ou razão. O que o homem é – isso significa, na linguagem tradicional da metafísica, a “essência” do homem – repousa na ec-sistência.<sup>2</sup>

Ao contrário da concepção tradicional, que distingue a essência, como uma possibilidade universal, da existência, como a realidade particular, efetiva e aparente do real, segundo Heidegger: *Somente o homem existe* – pois: *A essência do homem é a existência*. Ao contrário de significar a realidade efetiva de um ente particular, existência aqui significa ser na compreensão de poder ser, indica a característica específica do homem, a sua compreensão de ser. Por existir, o homem não se encontra nunca pronto e acabado, tal como os demais entes “simplesmente dados” (*Vorhandenheit*), mas se concretiza lançado na possibilidade aberta em sua compreensão de ser, em sua *abertura existencial*. O homem é um ente que pode vir a ser o que ele é, sendo esse poder a sua tarefa existencial. O que nós somos, a nossa realidade, está sempre vigorando diante da possibilidade de ser, do nada que abre o nosso poder existir: o homem se perfaz no embate entre o vigor do ser (a realidade) com o vigor do nada (a possibilidade). Por isso, no texto citado, Heidegger diz que “o nada está vigindo e em vigor, como o próprio ser”.

---

<sup>2</sup> Heidegger, *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 41

Para pensarmos esta compreensão do nada como vigência, não devemos concebê-lo como um algo, uma negação, tal como habitualmente tanto a opinião quanto a ciência fazem: o nada como o não-ente, uma anulação do que é, a sua desrealização, o *nenhum*. Conforme Heidegger afirmou em sua conferência *Que é metafísica?*: “O nada é mais originário que o ‘não’ e a negação”<sup>3</sup> – pois enquanto esses necessitam dos entes para haver negação, aquele se afirma como pura possibilidade de ser. Ao retomar questão de Leibniz, *por que há simplesmente o ente e não antes o nada?*, Heidegger pretende mostrar como este mais originário do nada não pode ser concebido como algo que *é* ou *está sendo* (um ente) mas, antes, precisa ser compreendido como o que, tal como o ser, *se dá* (*es gibt*), está vigindo e em vigor (*es west*) – o nada não é, ele se essencializa (*Wesen*). A fim de indicar esta característica da essência tanto do ser como do nada, a diferença ontológica de ser vigência e não ente, Heidegger retoma em seu pensamento a origem verbal arcaica da palavra alemã *Wesen*:

A palavra “essência” não significa mais o que uma coisa é. Escutamos a palavra alemã *Wesen*, essência, como um verbo, *wesend*, ou seja, como vigorar, no sentido de vigorar na presença e na ausência. *Wesen*, vigorar, diz*währen*, perdurar, *weilen*, demorar. A expressão *eswest*, está em vigor, significa mais do que: está durando, demorando. Está em vigor diz que algo persiste, perdura e assim nos toca, nos en-caminha e nos intima. Pensada desse modo, a essência designa o vigor, o que persiste e perdura, o que nos concerne em tudo que nos toca, porque é o que tudo en-caminha e movimenta.<sup>4</sup>

Como o que persiste, perdura e nos perfaz, a essência, pensada em seu sentido verbal, indica o vigor da existência, a manifestação de sua própria verdade. Esta verdade da essência é o que nos concerne em tudo somos; ela é o que, ao encaminhar e movimentar a nossa compreensão de ser, nos promove pensar a questão da essência da verdade. Considerando este assunto em sua observação final à conferência *Sobre a essência da verdade*, visando ao esclarecimento de como esta questão da diferença ontológica é o fundamento de sua compreensão da verdade como *a-létheia* (*Unverborgenheit*, des-encobrimento), Heidegger diz que:

---

<sup>3</sup> Heidegger, *Que é metafísica?*. Em: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 37

<sup>4</sup> Heidegger, *A essência da linguagem*. Em: *A caminho da linguagem*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003, p. 158.

A questão da essência da verdade se origina da questão da verdade da essência<sup>5</sup>. Aquela questão entende essência, primeiramente, no sentido de quiddidade (*quidditas*) ou de realidade (*realitas*) e entende a verdade como uma característica do conhecimento. A questão da verdade da essência entende essência em sentido verbal e pensa, nesta palavra, ainda permanecendo no âmbito da determinação metafísica, o ser (*Seyn*) como a diferença que impera entre ser (*Sein*) e ente (*Seiendem*).<sup>6</sup>

Antes de conceber a essência como uma quiddidade ou realidade, algo que simplesmente é e está sendo, um ente, e assim entender a sua verdade como uma característica do conhecimento, Heidegger propõe, desde *Ser e tempo*, a tarefa de, compreendendo o ser no horizonte da diferença ontológica, pensar o sentido verbal da essência da verdade. O ser não é um ente, por isso antes de a sua verdade ser uma determinação proposicional, a certeza de um juízo ou categoria, ela consiste na descoberta do sentido do que é e está sendo. Sem desenvolver aqui o encaminhamento dessa questão, a fim de retomar o fio de nossa meada, o propósito deste questionamento foi mostrar como, pela diferença ontológica de sua essência, o nada ao contrário de ser algo que simplesmente é e está sendo, uma negação de um ente qualquer, está vigindo e em vigor como o próprio ser.

Como uma vigência, devemos notar que o nada resguarda tanto o ser, na possibilidade que se realiza, como também o não ser, enquanto possibilidade desta realização não se efetuar. Por isso Heidegger, desde *Ser e tempo*<sup>7</sup>, caracteriza essa estrutura do vigor do nada, a sua vigência, como *possibilidade*. O nada vigora como possibilidade de ser. Como o ser não é um ente, mas, antes, o que o possibilita, o nada como possibilidade de ser consiste então na possibilidade de possibilidade. Distinta da possibilidade de realidade, o possível do ainda não que a qualquer momento se realiza, a possibilidade de possibilidade não se funda nem em um ente, uma realização, nem em um não ente, a negação de uma realidade. Na possibilidade enquanto possibilidade, ser e não ser disputam a vigência do que está sendo, do que se efetiva como real; *escrínio do nada, a morte é o resguardo do ser*.

Como nunca nos encontramos prontos e acabados, estamos sempre jogados diante do nada de nossa possibilidade existencial: *ser ou não ser, eis a questão*. Porque a existência do homem não está pronta, como esta cadeira na qual estou sentado, quem

---

<sup>5</sup>Die Fragenachdem Wesen der Wahrheitents pringtaus der Fragenach der Wahrheit des Wesens. .

<sup>6</sup> Heidegger, Sobre a essência da verdade. Em: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 145.

<sup>7</sup> Cf. Heidegger, *Ser e tempo*. (Parte II). Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, RJ: 1989. §§ 50-53.

ele é se perfaz no aqui e agora de sua situação, tendo sempre que vir a ser numa disputa com o nada, com a possibilidade de realizar ou não o que ele está sendo. Há em nossa vida um caráter de incompletude, uma contingência necessária que nos impõe a vir a ser o que somos no que estamos sendo. Heidegger caracteriza essa nossa essência como finitude da existência. A finitude indica a nossa condição temporal, histórica, na diferença da infinitude eterna do que não se temporaliza, do que é onipresente, onipotente, sempre todo e completo – diferente dos deuses, o homem morre.

Ser mortal não é um atributo que o homem pode ou não possuir. Antes de qualquer qualidade acessória, a morte fundamenta a própria condição humana, a finitude de sua constituição existencial. A morte perfaz a essência do homem como existência. Por isso, na citação que estamos interpretando, Heidegger diz que: “Os homens são mortais antes de findar a vida. Os mortais são mortais por serem e vigorarem no resguardo do ser. São a referência vigente ao ser, como ser”. O que fundamenta e constitui a condição do homem não é o fato de sua vida um dia findar, assim como também findam a vida dos animais e das plantas; a diferença específica que faz o homem ser homem, e não animal ou planta, consiste em ele ser e vigorar no resguardo do ser, isto é, em ele existir. A existência é a presença vigente do ser, como ser (e não apenas como ente), indica o modo de vida daquele que, compreendendo o que está sendo, é-aí – *ex-siste*: *Da-sein*: pre-sença. Por existir, o homem habita na ultrapassagem do que está sendo, no pre de sua presença, na transcendência do ente, no nada da encruzilhada de ser e não ser, tendo que, por isso, vigorar no resguardo de ser no escrínio do nada.

Se o que caracteriza fundamentalmente o homem é a existência, o fato de ele ser lançado na compreensão de seu próprio poder ser, devemos então considerar a morte humana existencialmente como sendo não apenas o que finda a nossa vida, mas, mais fundamentalmente, o que a constitui em sua essência: “Os homens são mortais. São assim chamados porque podem morrer. Morrer significa: saber a morte, como morte.” Assim como a vida não é o que acontece apenas quando nascemos, a morte não é também apenas o acontecimento que finda a nossa existência. A tensão entre vida e morte perfaz a condição existencial do homem, a vigência do que somos *entre* nascer e findar; a disputa entre a vigência do ser e o vigor do nada promove a transcendência existencial de nossa destinação. “Somente o homem morre. O animal finda. Pois não tem a morte nem diante de si, nem atrás de si.” – Morrer não é findar, mas, antes, viver

na compreensão de que vai morrer: existir. Esta nossa consideração existencial da morte se propõe a indicar que, antes de ser o que interrompe e finda a vida, a morte é o fundamento da existência humana. Para o homem, ao contrário de a morte ser o acontecimento que termina biologicamente a sua vida, ela é a vigência que o constitui existencialmente como o guardião do ser.

“Chamamos aqui de mortais os mortais – não por chegarem ao fim e finarem sua vida na terra, mas porque eles sabem a morte, como morte.” Porque somente o homem existe, ele é o único ente que, compreendendo a morte como morte, sabe que vai morrer. Os animais e as plantas vivem no paraíso. Como não compreendem o que são (o sido e o será), os animais e as plantas não tem a morte nem diante de si, nem atrás de si, eles são de acordo com as suas necessidades vitais, as determinações bio-fisiológicas de suas espécies. O homem, como compreende o seu poder ser (o que foi, é e será), só para ele ser ou não ser é questão, só ele tem a destinação da história: só o homem já tem existencialmente o sentido da morte. Existir é viver na compreensão da morte, *ser-para-a-morte* (*Sein zum Tode*).

Para esta consideração, como essência da vida humana, a morte constitui o vigor da existência do homem, é um fenômeno existencial que só vigora enquanto vivermos. O vigor da morte consiste na iminência de sua possibilidade, não como um acontecimento entre outros (ou uma possibilidade dentre outras, passível de ser diagnosticada pela análise de sintomas, dados e estatísticas); antes de um acontecimento que finda a vida, à nossa consideração existencial, “A morte é o escrínio do nada, do que nunca, em nível algum, é algo que simplesmente é e está sendo”.

Como aquele que sabe que vai morrer, para o homem o vigor da morte consiste na compreensão da possibilidade mais extrema de sua vida, a compreensão da possibilidade de sua própria impossibilidade. A morte não é apenas uma possibilidade dentre outras da vida, ela constitui a modalidade mais extrema de ser possibilidade de possibilidade – a morte é a possibilidade da impossibilidade de ser. Tal possibilidade da morte se revela com a angústia de existirmos em sua iminência, ela se mostra em nossa experiência da vigência do nada. Para nós que somos na compreensão de ser, o nada da morte se compõe com o ser da vida – “o nada está vigindo e em vigor, como o próprio ser”. Por isso, Heidegger diz que a morte é o escrínio do nada, pois escrínio, tradução portuguesa da palavra alemã *Schrein*, significa o cofre, o armário, a gaveta, o lugar onde

guardamos o que nos é mais valioso, onde resguardamos o nada de nossa possibilidade de ser: “Escrínio do nada, a morte é o resguardo do ser”.

Como uma observação a esta compreensão de Heidegger, lembramos do que falou *Zarathustra* de Nietzsche: “Eu vos mostro a morte que aperfeiçoa, que se torna, para o vivo, um agulhão e uma promessa. Da sua morte, morre o homem realizador de si mesmo”<sup>8</sup> A iminência da morte torna a vida mais eminente; a morte é o resguardo do ser, o que aperfeiçoa a vida. É porque esquecemos de nossa morte que descuidamos da vida, que estamos sempre adiando mais uma vez as nossas decisões fundamentais, negaceando a tarefa de existir e postergando as nossas realizações mais importantes para um além que nunca advém. Outorgamos a nossa morte à impropriedade comum e genérica de sua consideração biológica, esquecendo que, porque somos na iminência da morte, na possibilidade da impossibilidade de existirmos, temos que cuidar da vida realizando propriamente o que somos: de sua própria morte, morre apenas o homem realizador de si mesmo.

Porque existe, o homem é um ser-para-a-morte. Esta sua constituição existencial, à medida que lhe impõe a tarefa de vir a ser o que ele é, de ter que existir no envio do sendo, é o que confere liberdade ou miséria ao homem. Como o destino de nossa vida não está pronto, mas se encaminha a partir do que fazemos ou deixamos de fazer, o homem se encontra sempre diante da encruzilhada de ser e não ser, de liberdade e miséria. Só o homem é livre, por isso responsável pela sua vida, precisando vir a ser o que ele é. Esta liberdade, quando não assumida e exercida no vir a ser do que somos, concretiza-se como a miséria da negação e do mal (o que Heidegger indicou ser a maldade da *grima*<sup>9</sup>).

Os animais e vegetais não são livres (nem miseráveis) por terem as suas vidas determinadas pela ordem da natureza; Deus também não é livre nem miserável porque, por ser eterno, já é tudo, e por já ser tudo não pode mais nada. Deus não morre, não possui o nada que, resguardando o ser, liberta o homem. Os animais e vegetais não morrem, findam, e Deus não morre porque é eterno: só o homem morre, só ele é livre para a morte. A liberdade da vida humana consiste na assunção de sua morte, no ser-para-a-morte que cuida de sua própria vida. Como os mortais são aqueles que, antes de

---

<sup>8</sup> Nietzsche, *Da morte voluntária*. In: *Assim falou Zarathustra*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, p. 86.

<sup>9</sup> Cf. Heidegger, *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 91

morrerem, já compreendem a morte como morte, assumir a morte consiste em cuidar da vida. Tal assunção faz o homem existir apropriadamente, demanda que ele perfaça o que ele faz com mais perfeição: “Morrendo a toda a hora, fui encontrando sempre uma vida melhor.”

Ao fim desta consideração existencial da morte revela-se o nosso propósito de indicar que, como mortais, os homens são aqueles que possuem uma referência não apenas com os entes, mas com o próprio ser que os constitui. Desde *Ser e tempo*, Heidegger apresenta uma crítica à exposição metafísica da questão do ser, propondo recolocar a questão de seu sentido no horizonte da diferença ontológica: o ser não é um ente, por isso não pode ser interpretado metafisicamente como um ente superior, uma essência ou substância. Antes dos entes, o ser se dá como a própria possibilidade de tudo que é, uma vigência que expõe e faz aparecer o sentido dos entes, mostrando a sua verdade. Ao dizer que os mortais possuem uma referência vigente ao ser como ser (e não como ente), Heidegger está indicando uma possibilidade de o homem, ao contrário de apenas se apegar à certeza dos entes, ao domínio de suas realidades, dispor-se a cuidar da verdade do ser, descobrindo e discernindo, no embate entre o vigor do ser e a vigência do nada, o sentido apropriado do que é e do que não é; ele está indicando a possibilidade mais própria e original de o homem ser na vigência aberta do que está sendo, da morte como o resguardo do ser.

Esta consideração existencial da morte tinha como propósito lembrar do equívoco de, pelo medo da morte, imperceptivelmente trocarmos o ser pelo ente e não mais cuidarmos da liberdade, não mais criarmos a nossa vida desde a sua possibilidade mais própria e plena. Porque existimos, somos sempre diante do nada, vivemos na proximidade estranha da morte, na possibilidade extraordinária da criação. Esta é a nossa angústia: a liberdade de podermos ser criadores do que somos. Como, todavia, de imediato não suportamos a angústia desta liberdade de ter que vir a ser o que somos diante do nada, de ser na possibilidade de poder-ser, o homem na maioria das vezes tem a tendência de, imperceptivelmente, negar esta sua condição existencial e apegar-se às determinações já definidas como verdadeiras, à miserável segurança das certezas habituais, lógicas, morais, etc. Esse apego consiste na recusa da transcendência existencial de nossa vida, ele persiste no desvio da possibilidade de vir a ser o que se é a partir da descoberta e apropriação de si mesmo. Esse apego ao que é seguro e já

realizado, objetivo e certo, é o que causa a miséria existencial, a esclerose da vida humana.

O propósito desta consideração existencial da morte foi pensar como, somente suportando o nada de nossa condição, podemos ser para a morte e, ao contrário de temer pelo fim, viver propriamente a repetição de nossa própria origem; a nossa proposta foi considerar como, apenas assumindo a estranheza de sua morte, pode o homem sentir a extraordinária liberdade de existir. Este sentimento é o que Rainer Maria Rilke manifesta nos últimos versos da primeira das *Elegias de Duíno*:

É estranho, sem dúvida, já não habitar a terra,  
já não seguir os costumes que mal foram aprendidos,  
já não dar às rosas e às outras coisas, grávidas de  
promessas, a significação do futuro humano;  
já não ser o que era na angústia infinita  
das mãos e abandonar até o próprio nome,  
como um brinquedo quebrado.  
É estranho já não desejar os desejos. Estranho  
ver pairar, solto no espaço,  
tudo que se relacionava. Estar morto é trabalhoso  
e cheio de repetições para, aos poucos, sentir  
uma parcela de eternidade.